



Braga no País Das Maravilhas

Sérgio Buarque de Holanda

NO retrospecto de meio século de literatura brasileira publicado em um dos números de cinquentaenário do *Correio da Manhã*, Lúcia Miguel Pereira destacou na prosa de Rubem Braga o traço que apresentaria em comum com toda a poesia nova: preeminência da palavra sobre a frase, do pormenor sobre a linha, de cada nota sobre a melodia, da cor sobre o desenho.

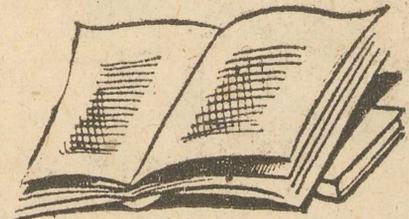
À leitura de *O Homem Rouco*, publicado não há muito, e, agora, à deste volume de 50 *Crônicas Escolhidas* (Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1911), a aproximação faz-se quase inevitável. Os adjetivos que melhor se prestam a qualificar estas prosas pertencem, com poucas exceções, ao vocabulário próprio da crítica de poesia e não só, penso eu, da crítica da nova poesia. Antonio de Alcântara Machado, a quem repugnavam naturalmente todos os desmanchos líricos, tinha o costume de dizer que com a poesia não se faz prosa — no que andava enganado, — embora com a prosa se possa fazer poesia. E concluía pela superioridade infinita da segunda sobre a primeira.

Entretanto, se é certo que algumas destas crônicas, mudada simplesmente a apresentação gráfica, caberiam sem dificuldade em um livro de versos — e o próprio autor já fez com bom êxito essa experiência — não se dirá com razões muito plausíveis que nelas se preferiu à linguagem da prosa a da poesia.

NA realidade, nenhuma das definições mais ou menos caprichosas que se têm forjado até agora para o idioma poético parece aplicável sem violência, a estas páginas. Não é, a sua, uma linguagem forçosamente ambígua, mas, ao contrário, nítida e precisa — precisão foi exatamente uma das virtudes que nela pôde distinguir Lúcia Miguel Pereira; — não se detem, salvo, talvez, por algum vizez irônico, na metáfora arrojada, no tema raro, no motivo nobre, e uma das suas notas — a do *humour* — passa muitas vezes, e segundo velha convenção ultimamente resuscitada, por um dos sinônimos mais evidentes da antipoesia.

Por um simples paradoxo, justamente a nota humorística parece componente necessário do clima de poesia que envolve estas crônicas. E componente, sobretudo, de uma tonalidade particular de expressão, que Rubem Braga domina quase com exclusividade e que, em dadas ocasiões, chega a confundir-se com o falsete lírico.

MAS, como quer que seja, o falsete lírico — designação que introduzo aqui por minha conta e risco, na ausência de alguma outra já consagrada — requer do autor uma atitude e uma visão bastante prevenidas em face das



coisas, das criaturas, de si mesmo. E', em suma, um processo que serve para dar freio às expansões muito íntimas e vivazes, e que, em momentos agudos, chega a converter o puro lirismo no seu antípoda, no humorismo puro.

Contudo, uma sábia dosagem que permita equilibrarem-se esses termos antagônicos, nunca é mortal para a poesia verdadeira, tanto é certo que esta costuma definir na pureza e na soidade, e que, por outro lado, só pode ganhar em altitude quando na vizinhança dos seus inimigos mais íntimos. A boa poesia não se mantém por longo tempo em estado simples. E, entre nós, o mestre consumado na arte de misturar os contrários é um poeta: Carlos Drummond de Andrade.

Nestas crônicas de Rubem Braga encontramos, sem dúvida, um pouco daquela atitude prevenida, capaz de frear as mais límpidas emoções. Apenas a prevenção não nasce aqui da experiência ou do desengano. Há nela qualquer coisa de paradisíaco e matinal, de avesso a toda sabedoria premeditada ou austera, se bem que, às vezes, não hesite em falar na grave linguagem dos apólogos. E' certo, porém, que o próprio Belzebú (em "Eu e Belzebú na hora neutra da madrugada"), depois de uma luta crônica para subverter todo o plano da Criação, não duvida, ele próprio,

em entrar na igreja e assistir ao santo sacrificio da missa, como o mais exemplar dos devotos.

A PARTE do mistério acha-se sempre presente na ordem talvez arbitrária, e em todo caso insondável em que foram postas as coisas no mundo. Se uma catástrofe tremenda viesse a transtornar essa ordem familiar, teríamos, por momentos, alguma dificuldade em aquiescer aos novos hábitos que ela imporia, tão eficaz, na verdade, é o poder da rotina. Mas quem nos diz que não os aceitaríamos, ao cabo, se surgissem bem amparados num tecido de prestigiosas convenções? Certa vez, a Prefeitura de São Paulo resolveu abolir diversas linhas de bondes. O homem que esperava pelo seu "camarão" foi advertido de que seu "camarão" não existia mais. Houve protestos e confusão. "Ninguém sabia onde tomar o bonde, nem o nome do bonde, nem o caminho do bonde. Os guarda-civis (seja dita a verdade) informavam com a maior gentileza. Informavam e depois tomavam bondes errados, porque eles também não sabiam. E alguém murmurava: mas onde estás, bonde Brigadeiro Galvão? E tu, Vila Clementino...?". Mas amanhã, com certeza, todos se submeterão humildes aos novos decretos desse poderoso agente da Divina Providência, que é a Prefeitura paulistana.

EM realidade um absurdo é tão bom quanto qualquer outro, desde que se incorpore a alguma ordem legal. Há milagres, contudo, que desafiam perenemente toda ordem legal e se recusam à sistematização. A mulher loura, por exemplo, que sorriu certa vez no terceiro banco do bonde de Santa Cecília, constitui certamente uma infração às sábias posturas que regem a existência dos homens

(Conclui na 10.ª pag.)

Braga No País Das...

(Conclusão)

num mundo precário, chegando a representar o germe de algum insólito cataclisma. Não se podem indagar, sem risco, os motivos desse disparate, assim como não parece lícito perguntar, na aula de inglês, por que a inacreditável palavra "ash-tray" quer dizer tão somente "cinzeiro", não "hipoteca", por exemplo, ou "enxaqueca", como seria, sem dúvida, mais exato.

O certo é que esses mistérios inescrutáveis não de desafiar para sempre as regras da ciência tanto quanto as leis da prudência. Para tentar captá-los é indispensável uma visão particular e verdadeiramente poética, isto é, atenta mais à singularidade essencial de cada coisa — do pormenor sobre a linha, de cada nota isolada sobre a melodia, da cor sobre o desenho — do que ao seu encadeamento em uma norma coerente. E para fixá-las não se peçam palavras mágicas ou linguagens prodigiosas, pois o milagre visível e presente dispensa por si só as fórmulas encantatórias. Não é de estranhar, assim, que Rubem Braga, numa prosa feita de simplicidade, de cordura, de contrita devoção diante da maravilha quotidiana, nos venha oferecendo páginas repletas de generosa poesia.

Remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625, São Paulo.